

**O ENSINO GRAMATICAL NO LIVRO DIDÁTICO “LÍNGUA
PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO”**

**THE GRAMMATICAL TEACHING IN THE DIDATIC BOOK
"PORTUGUESE LANGUAGE: LANGUAGE AND INTERACTION"**

Bárbara Furtado Pinheiro¹

Orientadora: Prof.^a Me. Rejane Santos Nonato (UFPA)

Resumo: Neste artigo, procurou-se verificar como o fenômeno gramatical é concebido no ensino da língua materna, apresentando a concepção formalista da linguagem, presente em muitos materiais didáticos. Para tanto, analisou-se um livro didático de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio, enfocando atividades gramaticais. Segundo Antunes (2003), há uma predominância de uma gramática não relacionada ao contexto real de interação, apresentando frases e palavras isoladas de sua função na comunicação cotidiana. Para Rojo (2013), muitos materiais didáticos buscam adaptar-se às mais recentes propostas curriculares, no entanto, em geral, ainda existe uma certa homogeneização de práticas didáticas. Os resultados revelam que existem dois modelos antagônicos de atividades gramaticais no livro. Com isso, conclui-se que há uma desigualdade na organização do livro didático quanto às atividades gramaticais.

Palavras-chave: Gramática; Livros didáticos; Língua Portuguesa; Frases isoladas.

Abstract: In this article, we sought to verify how the grammatical phenomenon is conceived in the teaching of native language, presenting the formalist conception of language, present in many teaching materials. For that, a textbook of Portuguese Language of the 3rd year of High School was analyzed, focusing on grammatical activities. According to Antunes (2003), there is a predominance of a grammar unrelated to the real context of interaction, presenting phrases and words isolated from their function in everyday communication. For Rojo (2013), many didactic materials seek to adapt to the most recent curricular proposals, however, in general, there is still a certain homogenization of didactic practices. The results reveal that there are two antagonistic models of grammatical activities in the book. With this, it is concluded that there is an inequality in the organization of the didactic book regarding grammatical activities.

Keywords: Grammar; Didactic books; Portuguese language; Isolated phrases.

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: barbarapinheiro690@gmail.com

1. Introdução

A gramática tradicional, também chamada de gramática normativa ou gramática escolar, é aquela utilizada como modelo teórico para a abordagem e o ensino da língua materna nas escolas. De acordo com Martelotta (2016), no âmbito escolar, muitos professores de português ensinam aos alunos a reconhecer os elementos constituintes formadores dos vocábulos, tais como radicais, afixos, entre outros.

O objetivo geral do presente artigo é analisar como a gramática é trabalhada em um livro didático do 3º ano do ensino médio. Os objetivos específicos são verificar como as atividades relacionam-se com o cotidiano do aluno; observar como as atividades se adequam as propostas mais recentes de ensino gramatical; e conferir como a variação linguística no livro.

A presente pesquisa é do tipo bibliográfica. Nesse sentido, foram analisadas as atividades gramaticais, e após isso, foi selecionada uma questão para cada item que descreve o problema encontrado. Os autores identificados para a abordagem das problemáticas do ensino gramatical foram Antunes (2003), Mendonça (2007), Oliveira e Wilson (2016), Matta (2009), Bagno (2013), Kleiman e Sepulveda (2014) e Bezerra (2010). Neste artigo será abordado o conceito de gramática normativa ou tradicional, elucidando a visão exclusivista dessa gramática, e a problemática do ensino gramatical no Brasil no primeiro tópico intitulado “O ensino da gramática normativa”.

O tópico seguinte “Os livros didáticos no ensino da gramática normativa” apresenta um breve percurso histórico sobre o livro didático nas aulas de português, e, também, as propostas mais atuais para o ensino gramatical. Após esse tópico, na “Apresentação do livro didático Língua Portuguesa: linguagem e interação” é apresentada a estrutura do livro analisado. Além disso, na seção “Discussão e análise”, apresentamos as atividades gramaticais do livro, e posteriormente são observados os

pontos positivos e negativos encontrados no corpus de pesquisa. No tópico “Considerações finais”, é apresentada a opinião sobre o livro didático, e como ele se adequa às propostas mais recentes para o ensino gramatical.

2. O ensino da gramática normativa

A gramática normativa ou tradicional é compreendida como o “conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrada pelos bons escritores” (FRANCHI, 1991, p. 48). Para Oliveira e Wilson (2016), essa perspectiva formalista é antiga e de forte prestígio, na qual prevalece as noções de certo e de errado, as tarefas de análise linguística que ficam apenas no domínio da palavra, do sintagma, da oração, e de outros elementos linguísticos. Entretanto, atualmente a visão exclusivista da Gramática Tradicional não se adequa à situação da população no que diz respeito ao universo escolar. Afinal, em um país como o Brasil, com uma história socialmente marcada por exclusões e carência na educação, esse domínio da gramática normativa fica restrito a uma pequena parte da sociedade. E por isso, a forma como a língua é concebida deve mudar (MATTA, 2009).

Bagno (2013) diz que a gramática normativa pretende vincular uma “língua certa”, a qual não existe como realidade de usos em lugar nenhum. Além disso, oferece como ideal idiomático algo que não corresponde nem sequer à escrita dos autores mais consagrados, tidos como os “modelos a imitar”. O autor também afirma que a norma-padrão não faz parte da língua, não corresponde a nenhum uso real da língua, constituindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata, um discurso sobre a língua, uma ideologia linguística, que exerce evidentemente um grande poder simbólico de repressão e cobrança sobre o imaginário dos falantes em geral, mas principalmente sobre os falantes urbanos mais escolarizados.

A perspectiva normativa pressupõe que o aluno que não fala a norma culta não conhece a gramática do português e, por isso, precisa ser ensinado. Assim, o conhecimento linguístico é visto como o conhecimento da norma, o que é alheio à grande maioria dos alunos. Dessa forma, o ensino de gramática no Brasil ainda é um dos grandes obstáculos para a formação do cidadão letrado, pois o ensino de regras, conceitos e exemplos, muitas vezes, não fazem sentido para o aluno, e nem mesmo para o professor (KLEIMAN e SEPULVEDA, 2014).

Bagno (2013) nos diz que como qualquer construto intelectual produzido por seres humanos, a doutrina gramatical está longe de ser um ponto máximo de perfeição. O linguista enfatiza que as ciências da linguagem têm mostrado recentemente as incoerências, insuficiências e contradições da gramática tradicional, como construto teórico para a análise das línguas, e a sua ideologia autoritária, preconceituosa e excludente, como conjunto de ideias sobre a linguagem e seu funcionamento na sociedade. De acordo com Bezerra (2010), o ensino se volta para a exploração da gramática normativa, em sua perspectiva prescritiva e analítica, ou seja, quando se impõe um conjunto de regras a ser seguido, e quando se identificam as funções sintáticas dos termos da oração, elementos mórficos das palavras.

Enfim, a Linguística tem demonstrado que a Gramática Normativa tem inúmeros problemas, como definições superficiais, ou exemplificações inadequadas. Kleiman e Sepulveda (2014) dão o seguinte exemplo que ilustra essa situação: na tentativa de dar uma definição sobre sujeito gramatical, muitos professores afirmam que o sujeito é o ser de quem se está falando. Contudo, seguindo essa definição, numa frase como “vi um cara armado na porta do banco” o sujeito da frase seria “um cara armado”, afinal, é dele que se está falando.

Bagno (2013) enfatiza que há uma tentativa de ensinar um modelo ideal de língua homogênea, uma norma de contornos bem definidos, e com isso se promove um ensino transmissivo da gramática normativa com toda a sua nomenclatura. E o

autor ressalta que a ideologia linguística dos primeiros gramáticos continua “firme e forte” nos dias atuais, mesmo com todas as revoluções de toda a ordem que a sociedade ocidental passou nos últimos dois milênios.

3. Os livros didáticos no ensino da gramática normativa

Bezerra (2010) faz uma breve retrospectiva histórica acerca dos livros didáticos no ensino gramatical. Por volta da década de 1950, muitos professores tinham condições intelectuais e materiais para preparar suas aulas, pois eram usuários da norma considerada padrão, vindos de classe média e alta, com um nível elevado de letramento. Além disso, os alunos de classe social mais privilegiada tinham práticas de escrita e leitura, e falavam uma variedade da língua tida como culta. Portanto, não cabia a nenhum livro impor exercícios e atividades didáticas.

Entretanto, a partir da última década do século XX, com a ampliação das pesquisas sobre língua, os livros didáticos foram pressionados a imprimirem mudanças em seus conteúdos, metodologias e concepções teóricas. Porém, alguns materiais de ensino apresentam mudanças apenas no nível superficial permanecendo com as mesmas práticas.

Antunes (2003) enfatiza que o ensino gramatical privilegia, muitas vezes, uma gramática descontextualizada da língua como potencialidade; tal gramática é desvinculada dos usos reais da língua escrita e falada na comunicação cotidiana. Ainda é trabalhada uma gramática fragmentada, irrelevante, de frases feitas e artificiais, da palavra e da frase isoladas, sem contexto nem interlocutores, feitas somente para virar um mero exercício nas aulas de português. Essa gramática é excêntrica, tem primazia em questões sem importância alguma para a competência comunicativa dos falantes e apresenta pontos de vista refinados e inconsistentes. Esse ensino se apoia em exceções, e não em contextos mais comuns de uso da língua.

O ensino se volta para uma gramática das nomenclaturas, da classificação das unidades, como se a língua fosse uniforme, inalterável, petrificada em regras inflexíveis. O que prevalece em muitos materiais de ensino é uma gramática prescritiva, preocupada com a correção dos “erros” de português que os falantes cometem. Mais interessada em marcar o “certo” e o “errado” do que analisar o que se diz. E por fim, uma gramática que não tem como apoio o uso da língua em manifestações textuais reais da comunicação funcional (ANTUNES, 2003).

Segundo Bagno (2013), na ciência linguística, a palavra regra é usada com um sentido muito diferente daquele que aparece na tradição normativa. Nessa tradição, regra é uma espécie de “lei” que dita e impõe o que é “certo” e condena o que é “errado”, ou seja, é muito mais uma “regra moral” do que propriamente uma análise linguística. O autor enfatiza que na perspectiva científica, regra é tudo aquilo que revela uma regularidade (as palavras “regra” e “regular” têm a mesma origem, a palavra latina *régula*). Em outras palavras, quando conseguimos detectar e descrever alguma coisa que acontece na língua com regularidade, fazemos essa descrição na forma de uma regra.

Ainda segundo Bagno (2013), no discurso do senso comum (que também vigora nos livros didáticos), se diz que determinado uso vai “contra as regras da língua” ou “desobedece às regras do português”. Isso significa que tal uso desrespeita as regras exclusivas e excludentes, padronizadas e escolhidas arbitrariamente como as “certas” pela tradição normativa.

Diante da ineficiência do ensino gramatical para a formação de leitores e produtores de texto, Mendonça (2007) propõe a análise linguística como alternativa para o ensino de Língua Portuguesa. A autora nos diz que a análise linguística consiste num movimento de reflexão sobre o funcionamento da linguagem, que toma como ponto essencial a produção de sentidos nos usos linguísticos. Além disso, ela apresenta o método indutivo, o qual se dirige da análise dos exemplos para a

construção das regras gerais, com isso o aluno é levado a pensar sobre certos fenômenos para só então reconhecer alguma regularidade.

Antunes (2003) propõe que o professor deve apresentar nas aulas o texto como objeto de estudo, assim primeiro se tenta chegar a uma compreensão textual, e para isso vão-se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários. A autora enfatiza que é de grande importância também que o professor procure caracterizar, de forma adequada, a norma-padrão como sendo a variedade socialmente prestigiada, mas não como sendo a única norma “certa”. Não se pode deixar de perceber que as normas estigmatizadas também têm seu valor, pois são contextualmente funcionais.

4. Apresentação do livro didático “Língua Portuguesa: linguagem e interação”

O livro didático *Língua Portuguesa: linguagem e interação* (2017), volume 3, é de autoria de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Júnior. O livro está estruturado da seguinte forma:

Figura 1



Capa do livro didático

Estrutura do livro

Estudar com textos: a resenha, o resumo e a síntese	
Unidade 1 Se bem me lembro	Capítulo I Lenda
	Capítulo 2 Memórias
Unidade 2 O cotidiano sob diversos olhares	Capítulo 3 História em quadrinhos
	Capítulo 4 Gêneros dramáticos
Unidade 3 Mundo do trabalho (I)	Capítulo 5 Relatos de vida
	Capítulo 6 Carta pessoal
Unidade 4 Mundo do trabalho (II)	Capítulo 7 Correspondência formal argumentativa
	Capítulo 8 Dissertação em prosa
Questões do Enem	

Estrutura das unidades

Cada unidade é composta de: uma dupla de páginas inicial, que marca a abertura da unidade; uma dupla de páginas com a seção “Para começo de conversa”, que propõe o início do projeto da unidade; dois capítulos; a seção “Agora é com você!”, com sugestões de materiais complementares para os alunos e o professor; a seção “E a conversa chega ao fim”, que encerra o projeto da unidade; a seção “O trabalho com a unidade e a auto avaliação”, que propõe aos alunos uma retomada do que foi trabalhado ao longo da unidade por meio de auto avaliação.

4.1. Discussão e análise

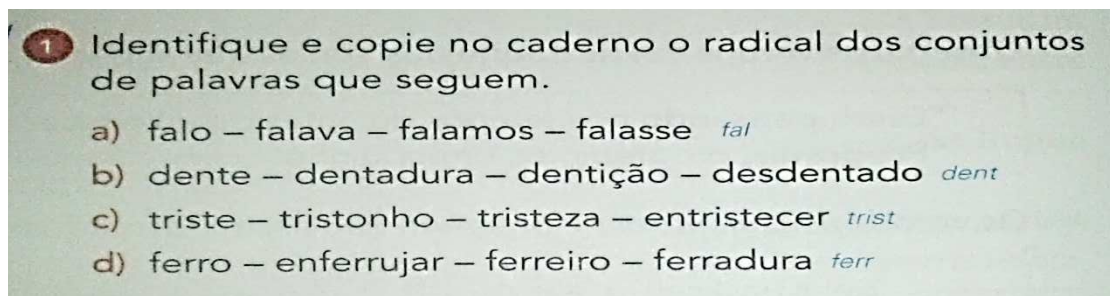
Optou-se por apresentar as quatro atividades selecionadas para o estudo, e, posteriormente, a análise. Os dois primeiros tópicos intitulados “Uma gramática mecânica” e “Uma gramática das nomenclaturas”, respectivamente, tratam dos aspectos negativos quanto ao ensino gramatical. E os últimos dois tópicos: “Reflexão sobre a variação linguística” e “Uma gramática voltada aos textos”, respectivamente, tratam dos aspectos positivos quanto ao ensino de gramática.

4.1.1. Uma gramática mecânica

O ensino de gramática ainda é desvinculado dos usos reais da língua, pois ele está voltado a regras sobre a língua, desconectado assim da comunicação cotidiana dos falantes. No livro analisado, pôde-se verificar que é trabalhada uma gramática descontextualizada de qualquer interação linguística. Como se falar português fosse apenas identificar e reconhecer o nome de unidades gramaticais de forma mecânica e repetitiva, sem a preocupação com o sentido desse reconhecimento.

Figura 2

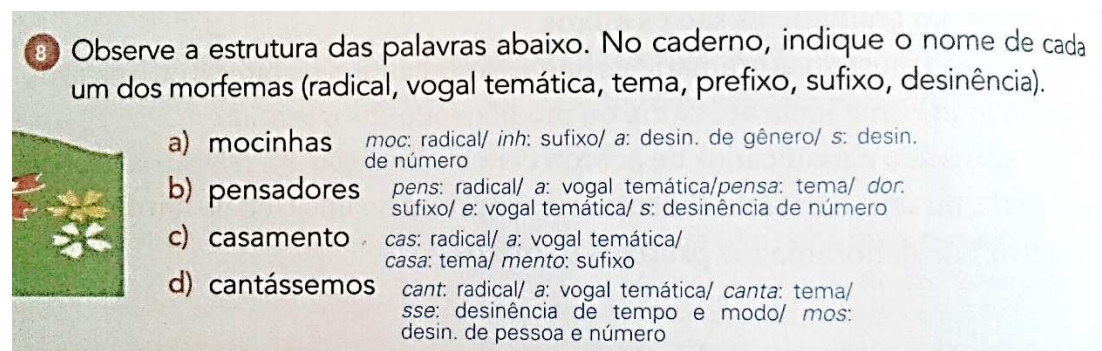
Página 74



Atividade de morfologia da página 74.

Figura 3

Página 76



Atividade de morfologia da página 76.

As atividades acima são mecânicas, uma vez que pedem para o aluno identificar os morfemas (radicais, vogais temáticas, temas, prefixos, sufixos, desinências) das palavras, mostrando assim uma gramática limitada a desenvolver nos estudantes a capacidade de reconhecer as unidades. As questões são meros exercícios de fixação e identificação morfológica, pois simplesmente é proposto ao estudante identificar e transcrever os radicais de substantivos e formas verbais, os quais aparecem soltos e isolados de sua função comunicativa.

De fato, como enfatiza Antunes (2003), é ensinada uma gramática desvinculada dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia a dia; uma gramática que é muito mais “sobre a língua”. Nessas atividades, predomina o

método dedutivo, o qual parte das regras para os exemplos, seguindo-se de exercícios de fixação da regra prescrita, mostrando assim uma gramática voltada a desenvolver nos alunos a capacidade de reconhecer e nomear as unidades.

4.1.2. Uma gramática das nomenclaturas

A gramática voltada para as nomenclaturas gramaticais se preocupa com questões metalinguísticas de definição e classificação das unidades da língua. O ensino da gramática ainda preza, muitas vezes, por questões irrelevantes para a competência comunicativa dos falantes, pois pretende que o aluno saiba o nome dos elementos linguísticos, isto é, o que centraliza o ensino é saber reconhecer e dar nome às coisas da língua. Vale ressaltar que a nomenclatura das unidades é a parte da língua mais distante das intervenções dos falantes. Por isso, é considerada por muitos linguistas a parte “mais fácil” de virar objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa.

Figura 4

Página 330

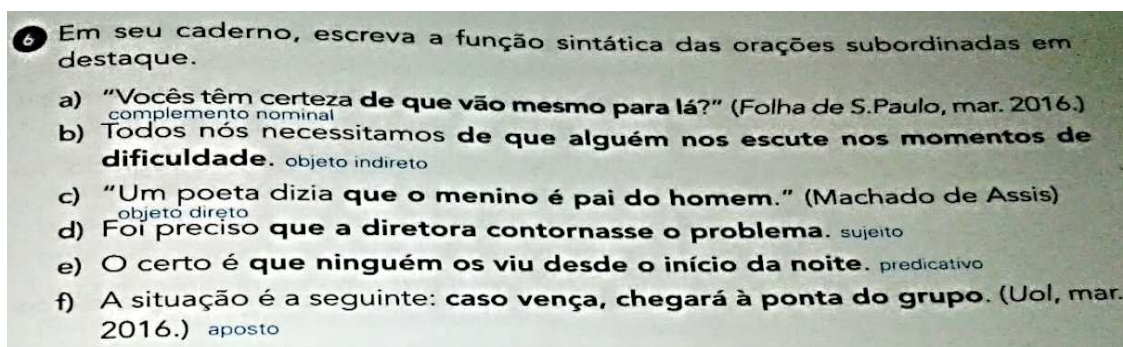
4 Em seu caderno, classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

- a) É uma pena **que não tenham assistido a esse filme.** subjetiva
- b) Lembrem-se **de que todos caminham para a velhice.** objetiva indireta
- c) “Estudos indicam **que zika chegou à América do Sul em 2013 antes da Copa do Mundo**” (Zero Hora, mar. 2016.) objetiva direta
- d) Temos esperança **de que essa crise econômica seja superável.** completiva nominal
- e) Sempre me perguntam **por que você é tão egoísta.** objetiva direta
- f) Meu desejo é este: **que ele seja vitorioso.** Apositiva
- g) A verdade é **que os preços não aumentaram.** predicativa

Atividade de sintaxe da página 330.

Figura 5

Página 331



Atividade de sintaxe da página 331.

A atividade acima é mecânica e irrelevante do ponto de vista comunicativo, pois além de apresentar o método dedutivo (explicado anteriormente), propõe que o estudante escreva a função sintática das orações subordinadas destacadas; o que se pretende com isso é que o aluno simplesmente identifique, reconheça e saiba o nome da função sintática prevista para cada termo.

A questão procura desenvolver no aluno a capacidade de identificar o nome das orações subordinadas e suas funções sintáticas, sem a preocupação com saber para que sirva tudo isso. Como nos diz Antunes (2003), o ensino de gramática está voltado para a nomenclatura e a classificação das unidades; portanto, uma gramática dos “nomes” das classes e das subclasses das unidades.

4.1.3. Reflexão sobre a variação linguística

A variação linguística é um fator bastante preponderante de ser trabalhado nos materiais de ensino de língua materna, visto que no Brasil há uma diversidade linguística em cada região do país. Vale ressaltar que a língua portuguesa, assim como as demais, não é homogênea.

Figura 6

Página 87

As palavras no contexto

O enunciador do texto 1 utiliza várias palavras e expressões da linguagem coloquial, conforme mostramos abaixo. Em seu caderno, escreva o significado de cada uma delas. Se necessário, recorra ao dicionário. Marque as que são comuns na região em que você mora.

a) pintar e bordar (linha 4) fazer diabruras; divertir-se muito	e) dito-cujo (linha 28) alguém a que se fez referência, com caráter jocoso
b) enrolar (linha 5) embromar	f) despejar o saco (linha 45) entregar, contar tudo, desabafar
c) receber (o) troco (linhas 6-7) sofrer revide ou retaliação	g) tremer nos alicerces (linhas 47-48) ficar muito temeroso
d) aprontar (linha 8) maquinar, tramar	h) cozinhar (linha 60) fazer cera, prolongar uma situação

Atividade sobre variação linguística da página 87.

A atividade acima solicita ao aluno que escreva o significado de certas expressões da linguagem coloquial presentes no texto *Navegação de cabotagem*, de Jorge Amado, e, também, que marque as expressões que são comuns na região onde mora. Tal atividade faz uma reflexão sobre esses usos linguísticos, trazendo expressões linguísticas retiradas do texto base. Pode-se verificar que o livro didático explora variedades sociais ou geográficas da língua efetivamente em uso.

Figura 7

Página 235

3 Nas frases que seguem, não foram seguidas as normas urbanas de prestígio da língua. Reescreva-as no caderno utilizando outra possibilidade de regência do verbo **implacar**.

a) "A proteção à infância saudável **implaca em** deixar nossas crianças livres da ganância e de manipulações comerciais, entre outros abusos conhecidos." (Carta Capital, mar. 2016.)
"A proteção à infância **implaca** deixar [...]."

b) "O avanço tecnológico **implaca em** mudança cultural." (Correio do Estado, fev. 2016.)
O avanço tecnológico **implaca** mudança cultural.

Atividade sobre regência verbal da página 235.

A regência, segundo a definição do *Dicionário Houaiss*, é a “relação de dependência entre duas palavras numa construção, na qual uma complementa a outra”. Evidentemente, como tudo na língua, a regência muda com o tempo. Bagno (2013) enfatiza que verbos transitivos diretos em fases anteriores da língua passam a ser empregados como transitivos indiretos. Essa mudança atingiu, por exemplo, o verbo “implicar”, tal como vem sendo amplamente usado no português brasileiro.

A questão acima solicita ao aluno que reescreva as frases usando a outra regência do verbo “implicar”, pois “nas frases que seguem, não foram seguidas as normas urbanas de prestígio da língua”. Tal atividade considera a variação na regência do verbo “implicar”, o qual pode vir acompanhado ou não da preposição “com”. Em outras palavras, a atividade considera a variação linguística, já que foi mostrada a regência mais comum no português brasileiro, e foi solicitada a outra regência de acordo com as normas urbanas de prestígio.

4.1.4. Uma gramática voltada aos textos

Figura 8

Página 77

Expressividade dos morfemas na formação dos textos

12 Você já deve ter observado que o prefixo *super* e seus correlatos e antônimos, como *hiper*, *mega*, *mini*, etc. são bastante utilizados na linguagem publicitária e na linguagem do dia a dia. Vamos investigar isso.

- a) Reúna-se com alguns colegas e pesquisem o emprego desses prefixos na publicidade e no dia a dia para confirmar essa ideia. Cada grupo escolhe uma área, por exemplo: esporte, saúde, informática, televisão, culinária, etc.
- b) Após a pesquisa e a apresentação dos resultados para a classe, coletivamente organizem um pequeno dicionário com todas essas palavras e expressões.

Atividade sobre morfologia da página 77.

A atividade da p. 77 faz uma reflexão sobre como os elementos mórficos, como os prefixos “super, hiper, mega, mini” são usados no cotidiano e na linguagem publicitária. A atividade é bastante interessante, pois os alunos podem escolher uma área do seu interesse, e verificar como se dá o emprego desses prefixos em textos reais. De fato, como enfatiza Mendonça (2007), as atividades gramaticais devem proporcionar um movimento de reflexão sobre o funcionamento da linguagem, que toma como ponto essencial a produção de sentidos nos usos linguísticos.

Figura 9

Página 107

Hidrobike

Atividade feita com bicicleta ergométrica, que simula na água manobras do ciclismo. Apesar de exercitar todo o corpo, concentra o trabalho nas pernas. Para praticar essa modalidade, é necessário o uso de sapatilha com solado emborrachado e bermudas com revestimento entre as pernas e na região dos glúteos para evitar dores devido ao atrito. Gasto calórico: 500 calorias por aula.

Saúde! São Paulo, nov. 2009. p. 65.

Observe nesse trecho o hibridismo *hidrobike*, formado pela junção de *hidro* (radical de origem grega que significa 'água') com *bike* (palavra de origem inglesa, que significa 'bicicleta').

15 Você certamente percebeu que conhece exemplos de hibridismo. Então, reúna-se com alguns colegas e sigam a proposta abaixo.

- Selecione da mídia outros exemplos de criações lexicais que lhes chamarem a atenção.
- Expliquem o significado dos termos encontrados e seu valor expressivo, levando em conta o contexto em que as palavras foram utilizadas.
- Na data combinada com o professor, apresentem o resultado das pesquisas realizadas e ouçam a exposição dos colegas.
- Coletivamente, formulem conclusões a respeito desses processos de formação de palavras.

Atividade de morfologia da página 107.

A atividade da p. 107 faz uma reflexão sobre neologismos, tais como o hibridismo “hidrobike” apresentado no texto base. A atividade propõe que o aluno pesquise outros neologismos além do qual é explorado na questão. Com isso, o estudante pode selecionar em textos reais, exemplos de criações lexicais. Tal atividade é uma excelente proposta, pois trabalha a compreensão do funcionamento de neologismos na linguagem publicitária, cotidiana, etc. Além disso, faz incentivo à

pesquisa, o que enriquece o estudo. Vale ressaltar que nessa atividade, é feita uma importante reflexão sobre o papel dos neologismos atualmente: o enriquecimento do léxico no português brasileiro.

5. Considerações finais

Pode-se concluir que o livro didático *Língua Portuguesa: Linguagem e interação* apresenta em algumas atividades, a tradição na abordagem do ensino gramatical, pois privilegia atividades mecânicas e irrelevantes do ponto de vista comunicativo. O material apresenta o método dedutivo, o qual parte das regras para os exemplos, seguindo-se exercícios de fixação da regra prescrita, mostrando uma gramática voltada a desenvolver nos alunos a capacidade de reconhecer e nomear as unidades.

Foram também encontrados pontos positivos no livro didático. Certas atividades buscaram refletir sobre como a escolha de determinadas palavras ou construções linguísticas contribuem para a construção de sentidos. Tais atividades estão de acordo com a proposta de análise linguística sugerida por Antunes (2003) e Mendonça (2007).

Fonte das imagens:

Figura 1: FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2017.

Figura 2: FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2017, p. 74.

Figura 3: FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2017, p. 76.

Figura 4: FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2017, p. 330.

Figura 5: FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2017, p. 331.

Figura 6: FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2017, p. 87.

Figura 7: FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2017, p. 235.

Figura 8: FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2017, p. 77.

Figura 9: FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2017, p. 107.

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de Língua Portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JÚNIOR, José Hamilton. **Língua Portuguesa: linguagem e interação**. – 3. ed. São Paulo: Ática, 2017.

FRANCHI, Carlos. Mas o que é mesmo Gramática? In: LOPES, H. V. et alii (orgs.). **Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade**. São Paulo, Secretaria da Educação / Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. 1991.

HOUAISS, Antônio. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, Angela B; SEPULVEDA, Cida. O ensino de gramática na escola: Por quê? Para quê? In: **Oficina de gramática – metalinguagem para principiantes**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2014.

MATTA, Sozângela Schemim da. A gramática – Um pouco de história e reflexão. In: **Português – Linguagem e Interação**. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda., 2009.

MENDONÇA, Márcia. Análise lingüística: por que e como avaliar. In: MARCURSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia. **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica**. — 1 Ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; WILSON, Victoria. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: **Manual de linguística**. 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

ROJO, Roxane. Materiais didáticos no ensino de línguas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013.